

Título Ernesto Neto  
Data 13 de Agosto de 2026  
Evento Vonta de vi dada dada

Autor Giuliana Capello  
Artista Ernesto Neto  
Publicação Casa Vogue

Ines249

ENTREVISTA

# ERNESTO NETO

O ARTISTA CONTA COMO EQUILIBRA SEU PROFUNDO ENCANTAMENTO COM O MUNDO COM AS CRÍTICAS AOS CAMINHOS DA HUMANIDADE NESTA ERA DE SELFIES, CONSUMISMO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL **TEXTO** GIULIANA CAPELLO **FOTOS** BISPO



**Título** Ernesto Neto  
**Data** 13 de Agosto de 2026  
**Evento** Vonta de vi dada dada

**Autor** Giuliana Capello  
**Artista** Ernesto Neto  
**Publicação** Casa Vogue



Título Ernesto Neto  
Data 13 de Agosto de 2026  
Evento Vonta de vi dada dada

Autor Giuliana Capello  
Artista Ernesto Neto  
Publicação Casa Vogue

Ines249

## ENTREVISTA

**DANÇAR O CORPO, CANTAR A VIDA, CELEBRAR A EXISTÊNCIA NO AQUI E AGORA.** E, de preferência, experimentar tudo isso ao mesmo tempo, transmutado em uma arte sem fronteiras. Se tem algo que o carioca Ernesto Neto busca em seus quase 40 anos de prática é isto: viver o presente, acima de tudo, com todos os sentidos. Neste mês de agosto, o artista plástico que um dia quis ser astronauta – e já pousou seus trabalhos unindo tensão, equilíbrio e estruturas relacionais nos principais museus do Brasil e em diversos países da Europa, além de Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul, Catar, Emirados Árabes Unidos, Argentina, México, entre outros – apresenta a exposição individual *Vonta de Vi dada dada*, em dois endereços da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel (nos Jardins e na Barra Funda), em São Paulo, a partir do dia 22. Em destaque estão esculturas de crochê feitas com materiais naturais como lã, algodão, madeira e bambu, que enaltecem a vivacidade dos corpos, a interação com o público, o pensamento cosmológico e a ideia de interdependência ecológica – todos os assuntos abordados nesta entrevista concedida com exclusividade à *Casa Vogue*.

**Qual é a tônica desta nova exposição no Brasil?** Como todos os meus trabalhos, são obras que têm um estado de tensão e equilíbrio. Este terá uma espécie de espinha dorsal, que vai subindo pelas paredes e se espalhando, com figuras que lembram insetos e lagartixas dançando no espaço. É um trabalho que se relaciona com o minimalismo e a pop art, no sentido da ideia de repetição, que aqui é sinuosa, dançante, corporal. As obras afirmam o corpo, sua presença, poesia, beleza, ousadia e inteligência, e nos lembram que vivemos numa sociedade que hipervaloriza a mente e subvaloriza o corpo. Porém, se pensarmos nos povos indígenas e africanos, que são parte da nossa composição genética e cultural, eles têm uma relação corporal muito profunda e mais evoluída. Meu trabalho tenta trazer isso, essa vontade de corpo, essa vontade de vida.

**Que é algo que, aliás, dá nome à exposição...** Sim, e com uma musicalidade que é esse *da da da* que se repete, nos lembrando do ritmo dos corpos, do tempo e da minha relação com a música, algo muito presente na minha vida. Faço parte da bateria do Balança Mas Não Cai [*bloco de carnaval de rua do Rio de Janeiro*] há uns sete anos, onde já toquei surdo, agogô, caixa, reco-reco, cuíca. Esse mesmo *da da da* tem ainda uma relação com o dadaísmo e o surrealismo, que vêm de uma desconfiança dessa objetividade do mundo, e também com a mecânica quântica, que hoje encontra o universo místico, como no provérbio iorubá sobre o tempo não linear: “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”.

**Como você define o atual momento de sua carreira?** Me sinto entre o velhinho e a criança. A arte é um grande milagre, é ela que vai carregando a gente pela vida. Estou numa fase de querer fazer uns trabalhos ainda mais afetivos, íntimos. Tenho usado umas lãs bem gostosas, macias, uns bambus pequeninhos, que têm essa materialidade do aconchego quase maternal, de cuidar mesmo, algo mais lento também. Eles vivem na tensão e pedem atenção. E a gente precisa ter mais atenção com as coisas, ao contrário dos likes de microssegundos que a gente dá por aí.

**Há sempre uma interação intensa do público com suas obras. Já aconteceu alguma situação curiosa, inusitada?** Várias. Me lembro de um episódio engraçado, que foi uma carta que recebi de uma mulher de Maryland, EUA, que me agradecia porque aquele seria o último dia em que ela ia tirar uma soneca na minha escultura depois do almoço. Achei isso muito legal. Mas às vezes acontecem coisas agressivas, porque nossa sociedade é muito repressora e, quando damos mais liberdade, algumas pessoas ficam mais violentas, começam a dar tapas, jogar pedra, enfim, é sempre um universo de muita experiência.

**Como é sua relação com sua casa?** Para mim, a Terra é a nossa casa, nosso barco, nosso corpo, tudo isso junto. Mas sou um cara muito da casa e do interior psicológico. Meu pai construiu casas a vida inteira, inclusive a da minha infância, que era um projeto do Zanine Caldas, e outros projetos do Zanine também, que foi um mestre para mim, por projetar casas desnudas, em que a estrutura e o equilíbrio estão presentes, assim como no meu trabalho. Faço tendas, malocas, barracas, enfim, lugares para as pessoas estarem. O ser humano e todo bicho têm seu ninho.

**Sua arte tem uma ligação muito profunda com a natureza. Como é para você viver no mundo atual, com tantas crises socioambientais? Como isso o toca e vira arte?** É maravilhoso viver no mundo de hoje! Eu estou profundamente encantado. Hoje mesmo eu estava nadando na enseada da Praia Vermelha às 6 horas da manhã e, conforme ia respirando dos dois lados, eu ia vendo o mar, o Pão de Açúcar e o céu mudando de cor, uma coisa maravilhosa, divina. A vida é uma coisa maravilhosa e é triste a gente maltratar tanto a natureza a ponto de ficarmos preocupados com a nossa própria existência. Sou extremamente crítico a essa hiperindustrialização, essa hipercomunicação via telas que está consumindo a nossa vida e a esse sistema social desigual, que é uma das causas do desequilíbrio ambiental.

“FAÇO TENDAS, MALOCAS, BARRACAS, LUGARES PARA AS PESSOAS. O SER HUMANO E TODO BICHO TÊM SEU NINHO”



Título Ernesto Neto  
Data 13 de Agosto de 2026  
Evento Vonta de vi dada dada

Autor Giuliana Capello  
Artista Ernesto Neto  
Publicação Casa Vogue



Em sentido horário, a partir da foto acima, à esq.: Ernesto Neto monta um dos trabalhos da nova exposição: "Tiro o molde dos pontos de fixação e depois transfiro para a parede", conta; "Poemantra" escrito por ele reforça o título da mostra em São Paulo: *Vonta de Vi dada dada*; retrato feito em seu ateliê, no Centro do Rio de Janeiro; maquete de obra a ser produzida com chapas de ferro equilibradas com encaixes pela força da gravidade; e, ao lado de uma tangerina, o novelo de algodão, uma das principais matérias-primas usadas pelo artista



Título Ernesto Neto  
Data 13 de Agosto de 2026  
Evento Vontade de vida dada dada

Autor Giuliana Capello  
Artista Ernesto Neto  
Publicação Casa Vogue

Ines249

## ENTREVISTA

### Como acredita que podemos sair desse desequilíbrio?

Com mais responsabilidade em relação à nossa produção, em especial às monoculturas e a toda a mineração. Lygia Clark afirmou que “A casa é o corpo” [em uma instalação artística homônima de 1968]. Eu concordo e hoje atualizo a frase para “a Terra é o corpo”. Quando a gente olha para a Terra como corpo, a gente deixa de olhá-la como paisagem fora da gente e passa a se ver como parte do corpo dela. Eu não como carne por amor à Terra, sei o quanto isso consome a energia dela, com tanta soja produzida para virar ração e floresta virando pasto, destruindo a Amazônia, o Cerrado, o Pantanal. Ultimamente, tenho trabalhado mais com materiais naturais e tinturas orgânicas, tentando ser o mais amoroso que eu posso com o planeta, de modo a exalar essa energia para que ela entre pelos poros das pessoas e atinja não só o intelecto mas também o corpo inteiro delas.

**Você se sente um ativista ambiental?** Sou mais um apoiador do ativismo ambiental, porque tem muita gente que é ativista de fato, que luta e trabalha o dia todo para isso. Sou um artista tentando exalar essa ambientalidade que nós vivemos,

reverência, de integração, e não de dominação. Para mim foi muito libertador pensar que não sou ocidental, sou brasileiro. E o brasileiro tem a abundância, o samba, o funk e todas essas festas maravilhosas, o maracatu, o ijexá, o coco, o reisado etc. É uma antropofagia generalizada, e a gente precisa olhar para quem a gente é, olhar esse indígena, esse afro que mora dentro de nós e que tantas vezes ignoramos quando nos olhamos no espelho.

**Na outra ponta, temos a inteligência artificial ocupando cada vez mais espaço e tempo no horizonte da vida humana. Como é sua relação com a IA no trabalho e na vida pessoal?** [Improvizando um canto] “Iá, ô, iaiá, eu quero ver, quero te encontrar. Iá, iá, ô iaiá, aonde é que você está? Eu quero te tocar, eu quero te abraçar, com você dançar, quem sabe até te beijar. Iá, iá, iá, inteligência artificial, cadê você? Tô achando que você quer me tapar.” [Risos]. O vento me trouxe essa brincadeira agora... O Ocidente está fazendo o mundo se tornar sisudo e chato, mas o mundo é volumétrico, rebolante, misterioso, sensual. Estamos nos afogando em selfies no lago de Narciso enquanto a vida está passando, passarinhos estão cantando.

## “O OCIDENTE ESTÁ TORNANDO O MUNDO SISUDO E CHATO, MASELE É VOLUMÉTRICO, REBOLANTE, MISTERIOSO, SENSUAL”

desse corpo em que vivemos e que passaremos para nossos filhos, filhas, netos e netas. Tem uma fala do Carlos Papá, grande sábio guarani, que diz que as palavras saem do ninho das palavras, que é a garganta. Para mim, a arte é parte desse ninho das palavras. Muitas pessoas hoje não têm mais a vontade de vida. Nunca tivemos tantos suicídios de adolescentes na história. O [filósofo coreano] Byung-Chul Han aborda isso no livro *A Sociedade do Cansaço* [Editora Vozes, 2015, 136 págs.]. Minha exposição sobre vontade de vida também está ligada a esse lugar. Aliás, é até uma mensagem para a seleção brasileira [de futebol masculino], sabe, vontade de vida, gente, vamos viver! A vida é um acaso e um milagre. Encontrar uma pessoa na rua é um acaso e é um milagre. Eles acontecem o tempo todo e são o grande alimento da vida.

**Nesse sentido, você, que já teve muito contato com culturas indígenas, diria que os povos originários têm muito a nos ensinar sobre vontade de vida?** Sim. O futuro é essa ancestralidade. Mas não é voltar a viver naquele espírito da maloca e tal. É talvez retomar uma relação com a natureza como a que os povos originários têm até hoje, de

A IA é mais um protagonismo desse lugar em que as máquinas estão tomando conta da nossa vida. Precisamos lidar com isso e lembrar que existe um tempo ampliado que é o lugar da poesia, da beleza que faz a gente conseguir sair desse rodado e trazer essa ebulição de vida para o mundo.

**A arte, então, seria um caminho?** Eu vejo a arte hoje muito ligada ao mundo do objeto. A própria obra de arte virou um objeto, uma commodity. É por isso que gosto de fazer esculturas que têm de ser montadas no espaço. Não é um objeto simplesmente, uma coisa pronta, entende? Nosso ambiente deixou de ser o ambiente da árvore, do pôr do sol, e virou ambiente da cadeira, do copo, do telefone, da mercadoria. Este meu novo trabalho vem como uma crítica a isso e como um convite para desviarmos desse assunto. Meu interesse é apontar caminho a partir da minha posição de artista. E para mim esse caminho passa por reduzir esse mundo objetual, pensar menos nas roupas novas ou no carro que vamos comprar. A sociedade capitalista ofereceu cura através do consumismo. Mas não é uma cura, é um vício. O caminho para sairmos disso é o contato com a natureza e com a nossa própria interiorização. ●



**Título** Ernesto Neto  
**Data** 13 de Agosto de 2026  
**Evento** Vonta de vi dada dada

**Autor** Giuliana Capello  
**Artista** Ernesto Neto  
**Publicação** Casa Vogue



Ines249

Retrato de Ernesto Neto no  
seu espaço de trabalho